

Jorge Bandeira

Alguém de minha família já havia me falado de um avô meu que adorava andar nu, e que não se importava jamais com que os outros comentavam sobre este seu peculiar comportamento. Além do passado de meus ancestrais índios, eu, manauara “da gema”, acho que este avô que adorava estar sem roupas deu uma parcela importante de contribuição ao surgimento desta vontade que fez aflorar o nudista que há muito habita meu ser. Outro dado importante para esta pequena narrativa: quando garoto, aos 10, 11 anos de idade, admirava um colega de minha faixa etária, apelidado por nossa turma de “panterinha”, este amiguinho tinha uma particularidade que eu muito apreciava e que me deixava muita das vezes confuso, já ele ficava boa parte de seu tempo completamente nu, seja na sua casa ou mesmo na rua, onde brincávamos todos juntos. Nossa turma era formada por meninos e meninas, e nenhum de nós se importava com a nudez do “panterinha”. Achava realmente aquilo fascinante, como a família dele não ligava para o fato dele estar sempre nu, inclusive fora de sua casa? Aquele fato foi outro catalisador de minha futura vida como naturista. Foi chegando minha adolescência e a vontade de ficar nu crescia cada vez mais dentro de mim, juntamente com as aventuras relacionadas ao sexo. Porém, acreditem, a nudez era uma sensação de liberdade que para mim ultrapassava o ato sexual. O estar nu para mim sempre teve algo de transcendente, ritualístico, mágico e incrivelmente natural, só lamento que minha família não seja naturista, só assim entenderiam meu desejo incontestemente pela nudez encarada como a essência do ser humano. Hoje tenho o Naturismo como parte integrante de minha vida, esperando, sinceramente, que meus familiares, amigos e amigas compartilhem comigo da felicidade que é estar nu, em contato direto com a natureza e suas belezas.

